

ESCOLA NOVA LOURENÇO CASTANHO

INCLUSÃO ESCOLAR: PERCEPÇÕES DE ADOLESCENTES EM SALA DE AULA  
SOBRE A CONVIVÊNCIA COM ALUNOS COM DEFICIÊNCIA (PcD)

Isabela Messoro Carpinelli Abbatempo

Isadora Maués Marangoni

Lígia Santoro Hatschbach

Orientador: Prof. Dr. Ednílson Aparecido Quarenta

São Paulo  
Setembro, 2021

## RESUMO

Essa pesquisa possui como eixo temático central refletir sobre o processo de inclusão escolar no ensino básico no Brasil a partir da percepção de estudantes adolescentes em convivência direta com alunos com deficiência (PcDs). Segundo pesquisa da UNESCO, cerca de 60% dos países possuem alguma definição sobre educação inclusiva, contudo em 64% essas orientações não contemplam todos os grupos marginalizados, o que sugere que a maioria dos países ainda não adotou o conceito de inclusão em um sentido amplo e de fato inclusivo. Mobilizadas pela dimensão e relevância social desse problema, e utilizando como estudo de caso as escolas do ensino privado na cidade de São Paulo, estabelecemos o nosso percurso metodológico. Desde a gênese dessa pesquisa ambicionávamos captar as contradições e variáveis desse tema, pelo olhar de alunos adolescentes em convivência com PcDs. Em outras palavras, ao nosso ver estaria na tradução e na decodificação dessas falas e discursos, profundamente cifrados e subliminares, a hipótese para uma possível identificação e tradução de uma variável estrutural problema. Para nós o processo de exclusão e a recusa em relação a presença dos PcDs, ou mesmo o estranhamento, a indiferença e a própria invisibilidade com que essas relações são demarcadas transcendem ao universo da inclusão escolar e aponta para um fenômeno mais estrutural da própria educação: a sala de aula deixou de ser um espaço do contraditório, do debate por isso tudo do desenvolvimento de um saber escolar que opera na base da convivência entre alunos, iguais pela faixa etária, mas diferentes na sua forma de pensar e atuar e protagonizarem o ambiente escolar. Dessa forma, o debate sobre a inclusão escolar pode fazer emergir uma reflexão, ainda maior acerca dos desafios da educação no mundo contemporâneo: de que forma a sala de aula pode deixar de ser um lugar de modelagem de pessoas e contribuir para a emancipação social e para o desenvolvimento ao que Adorno chamou de “consciência verdadeira”? Visto que nas salas de aula o professor é a figura exemplo, é muito importante que esse se demonstre relacionado com o assunto, para que os alunos também tenham iniciativas inclusivas. Além disso, a importância do contato próximo desde criança, para normalizar a presença, e o PcD não ser tornar invisível na sala de aula. Algo que muitas vezes ocorre devido ao lugar que esse normalmente ocupa, a frente e o canto. Nas conclusões parciais que obtivemos com os 20 grupos focais, em torno de 250 adolescentes, essa variável do problema se tornou perceptível. Problemas como homofobia, racismo e aceitar as diferenças foram tópicos mencionados e correlacionados com o assunto, nos revelando que a discussão da inclusão transparenta diversas outras questões sociais. Por isso, a educação tem o papel de humanizar e emancipar os indivíduos para que se conscientizem sobre tais problemáticas. Nesse contexto, prova que nosso trabalho não se trata apenas da discussão sobre a educação inclusiva, mas também sobre resgatar a essência da educação, construída através da alteridade.

Palavras-chave: Inclusão. Educação. Humanização. Emancipação. Invisibilidade.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	3
1.1	Justificativa .....	3
1.2	Problematização .....	4
1.3	Objetivo .....	4
1.4	Hipótese .....	5
2	REVISÃO TEÓRICA.....	6
3	METODOLOGIA.....	7
4	SEÇÃO.....	9
5	EDUCAÇÃO E BARBÁRIE SEGUNDO ADORNO.....	12
6	PAULO FREIRE E O CONCEITO DE HUMANIZAÇÃO.....	13
7	A INVISIBILIDADE E SEUS DESDOBRAMENTOS.....	14
8	A FIGURA DO PROFESSOR E A CRISE DA EDUCAÇÃO.....	17
9	A IMPORTÂNCIA DO ESTRANHAMENTO .....	19
10	DISCUSSÃO NA DETERMINAÇÃO DA NOMENCLATURA “PCD” .....	20
11	GRUPOS FOCAIS.....	21
11.1	Experiência piloto .....	21
11.2	Pesquisa de campo: grupos focais em outras escolas.....	25
11.2.1	Grupo focal 2 – 07 de outubro .....	25
11.2.2	Grupos focais 3 e 4 – 14 de outubro.....	27
11.2.3	Grupo focal 5 – 18 de outubro .....	29
11.2.4	Grupo focal 6 – 08 de novembro.....	30
11.2.5	Grupo focal 7 – 11 de novembro.....	32
11.2.6	Grupo focal 8 – 2 de dezembro .....	33
11.2.7	Grupo focal 9 – 20 de dezembro.....	35
11.2.8	Quadro explicativo .....	38
12	CONCLUSÕES .....	39
12.1	Tendência ao senso comum.....	39
12.2	Desinformação .....	39
12.3	Falta de preparo do professor.....	40
12.4	Estranhamento natural .....	40
12.5	Escola como espelho social.....	41
12.6	O desvio para outros temas.....	41
	REFERÊNCIAS .....	42
	APÊNDICE .....	44

## **1 INTRODUÇÃO**

O tema de nossa pesquisa surgiu a partir do momento que percebemos o quão pouco explorado o tema da inclusão é, e como nós mesmas, estudantes de uma escola inclusiva, não sabíamos com profundidade sobre o assunto. Ao repararmos mais, nosso olhar se tornou mais cirúrgico, e chegamos à conclusão que para nós a pouca aproximação que tivemos ao longo de nossa vida escolar com alunos com deficiência teve muito impacto e influência em como pensamos e agimos perante o outro. Dessa forma, chegamos ao nosso tema, qual o impacto da presença dos alunos PcDs em sala de aula. Conforme a pesquisa começou a ser desdobrada, o projeto acabou se tornando uma reflexão e discussão da educação em geral, e não apenas sobre a educação inclusiva. Com todo o inventário teórico utilizado muitos termos teóricos surgiram, como humanização, barbárie, naturalização, emancipação e invisibilidade, todos fatores ligados a democratização e ao papel da educação à priori. Ao longo do texto, realizaremos uma reflexão através da trajetória histórica e de como hoje essa questão legitimamente se denota, convidando o leitor para uma análise de como nossa sociedade contorna o tópico da educação inclusiva.

### **1.1 JUSTIFICATIVA**

Para nós, o tema da educação inclusiva e seus impasses é ocultado e pouco discutido pela sociedade. Visto isso, como as pessoas com deficiência estão presentes ativamente em nossas vidas, elas não podem ser esquecidas e deixadas de lado nas garantias de seus direitos e acesso à uma educação de qualidade. Apenas com o conhecimento sobre o que esse grupo social enfrenta no ambiente escolar é que nós, como sociedade, conseguiremos tornar o ambiente de convivência igualitário. Além de ser muito comum apenas ignorarmos a presença desses nas salas de aula e a sua importância na formação dos alunos e professores é despercebida.

Na maioria dos espaços sociais as pessoas com deficiência são naturalmente excluídas, um exemplo claro é a falta de acessibilidade em espaços públicos. A escola por ser um espelho da nossa sociedade, acaba por reproduzir o mesmo processo, acarretando na exclusão no interior das salas de aula dos alunos com deficiência. Esse trabalho contribui para desconstruir a tradição de ver a pessoa com deficiência

como estranho, abrindo o debate sobre como podemos reestruturar o modo como os alunos com deficiência são “incluídos”.

## **1.2 PROBLEMATIZAÇÃO**

As pessoas com deficiência (PcD) sempre foram colocadas de lado para diversas construções históricas, e na educação não é diferente. Nós, como alunas, sempre tivemos contato durante nossa trajetória escolar com colegas com deficiência. Com o passar dos anos, percebemos a naturalização da invisibilidade desses alunos atrelada pela sociedade, e como a importância da presença desses para a nossa formação pessoal é subestimada. Mesmo que nos dias atuais seja mais comum ver estudantes PcDs, o assunto continua não obtendo a visibilidade necessária. Com essas questões em mente, elaboramos uma pergunta problema que orientará o caminho reflexivo e o foco do trabalho: Qual a importância e os impactos gerados pela presença dos alunos PcD's no ambiente escolar?

## **1.3 OBJETIVO**

O objetivo principal dessa pesquisa foi compreender o impacto da presença dos alunos com deficiência na formação dos outros alunos presentes e na sala de aula. Sempre tivemos interesse em falar sobre a temática da educação inclusiva, e com o novo decreto que incentiva retomar as salas e escolas especiais para Pessoas com Deficiência (PcDs) aumentou o nosso anseio e reafirmou a necessidade e importância em falar sobre o assunto. Para conseguirmos demonstrar e exemplificar o valor em conviver com o diferente através da construção de conhecimento pela troca e experiências. Para falar sobre inclusão é necessário entender sobre a educação, portanto nosso trabalho é uma reflexão sobre como a presença de PcDs em sala de aula pode ter um impacto positivo no ambiente escolar, da mesma forma que o ambiente escolar pode retribuir.

Como mencionado, o Decreto presidencial 10.502, assinado em 30 de setembro de 2020, visa separar escolas e salas de aula para crianças PCD's. Esse assunto repercutiu muito desde que foi divulgado, e intensificou nossa vontade de pesquisar sobre esse tópico. A escola é a peça fundamental para a humanização,

conceito de Paulo Freire (1969) que será abordado ao longo do trabalho. É o local onde coloca em contato o ser humano com a diversidade, e o faz conviver e aprender com ela. Portanto, a proposta de segregar pessoas com deficiência, que no Brasil, representam 24% da população, segundo a UNESCO, significa excluir 45,6 milhões de pessoas, rotulando-as como incapazes.

Além do Decreto, recentemente, o Ministro da Educação teve falas que defendiam a separação de alunos PCD's, alegando que existem graus de deficiência 'impossíveis' de conviver, ou que colegas PCD's 'atrapalham' a aprendizagem do restante dos alunos. São pensamentos como esse que nos incentivaram a realizar esse trabalho, pois além de reforçar a importância da visibilidade desse assunto, eles são superficiais, não levando em consideração a formação pessoal do aluno.

#### **1.4 HIPÓTESE**

A sala de aula é um dos locais mais essenciais para a formação de um indivíduo, não só intelectualmente. É o espaço que coloca as pessoas em contato com o diferente, o contraditório em busca da alteridade. Por outro lado, a abordagem dos PcDs em sala de aula, pode também contribuir para desvendar outras formas de exclusão escolar, em especial quando os envolvidos não são considerados e tratados como alunos com deficiência. E aprender a lidar, respeitar e entender o outro, é o que nos humaniza. Por isso, acreditamos que a presença de alunos PcDs nas escolas é extremamente importante para enfrentar o falso estereótipo associado a essas pessoas, e para a humanização e formação dos indivíduos, na medida que a presença desses alunos pode resgatar a essência da educação, por buscar permitir a participação de todos através do conhecimento.

## 2 REVISÃO TEÓRICA

Para conseguirmos um embasamento mais qualificado sobre o tema, foi muito importante levantar um inventário teórico sobre o assunto. Assim, os principais textos que lemos foram “Teoria, método e criatividade” de Maria Cecília de Souza Minayo, que serviu como uma base para conseguirmos construir um projeto científico social adequado. O texto “A inclusão escolar de alunos com deficiência: uma leitura baseada em Pierre Bordieu” de Giovani Ferreira Bezerra, conteúdo no qual estruturou e nos deu um norte do que gostaríamos de falar. Para entrar mais fundo no tema sobre a educação, o texto “Educação e emancipação” de Theodor W. Adorno, e “O papel da educação na humanização” de Paulo Freire, foram muito importantes, especialmente por seus conceitos e termos sobre a essência da educação, como barbárie, humanização e emancipação. Adicionalmente, realizamos a leitura de “Invisibilidade social” de Júlia Thomás, e “Bordieu e o campo social”, que nos ajudou nas conclusões e suas categorias. Ademais, lemos o texto “Terminologia sobre deficiência na era da inclusão” de Romeu Kazumi Sassaki, que nos auxiliou no entendimento da nomenclatura PcD.

### 3 METODOLOGIA

Após o levantamento teórico como elemento metodológico preliminar do processo de preparo, definimos os procedimentos para a realização das entrevistas com os adolescentes em convivência com alunos PcDs em sala de aula. Esse é o momento no qual realmente as questões envolvendo o assunto seriam reveladas, e por ser um tema considerado delicado em nossa sociedade, as perguntas deveriam ter um viés cirúrgico. Nesse contexto, pensamos em apresentar aos entrevistados situações problemas ou questionamentos que os obrigariam a responder de uma forma que fugiria do senso comum. Em outras palavras, é notório reconhecer que nenhum indivíduo admitiria diretamente ter preconceitos ou estranhamento em relação aos PCD's, visto que isso caminhará contra o que chamamos de "politicamente correto" que rege nossa sociedade. Desta forma, seria importante pensar em questões que extraíssem o máximo e o mais verdadeiro dos questionados.

Nesse contexto, essa pesquisa adquire um teor qualitativo, e não quantitativo. Para Maria Cecília Minayo em Pesquisa Social, Teoria, Método e Criatividade, uma pesquisa qualitativa é aquela que aborda o mundo dos significados, e tem esses como o conceito central da investigação. Em outras palavras, trabalhos qualitativos se desenvolvem sobre as ciências sociais e são trabalhados a partir de valores que não podem ser quantificados. Dessa maneira, a inclusão tratada nesse estudo se encaixa perfeitamente nas condições apresentadas por Minayo (2002), já que desenvolvê-lo requer a compreensão da realidade humana vivida socialmente.

Nos primeiros momentos, antes de entrarmos em contato com os alunos de outras escolas, decidimos realizar uma experiência piloto. Essa experiência com um Grupo Focal (GF) funcionou como um teste para decidirmos o melhor formato para a entrevista e quais perguntas eram mais pertinentes, ou seja, para encontrarmos o melhor percurso metodológico. Com apoio no texto "Grupo focal na pesquisa qualitativa: relato de experiência" de Marlene Harger Zimmermann e Pura Lúcia Oliver Martins nós estruturamos o formato dos grupos focais. Assim, no dia 02 de setembro de 2021, foram chamados e entrevistados onze alunos do Ensino Médio da Escola Lourenço Castanho, sendo deles duas alunas do primeiro ano e nove do segundo ano.

Adicionalmente, o Grupo Focal foi a peça chave para iniciar o desenvolvimento da pesquisa de campo do nosso trabalho. Por envolver questões sociais muito

específicas e difíceis de serem quantificadas, foi necessário realizar entrevista de caráter qualitativo, a partir do relato de experiências vivenciadas pelos alunos. Para que tudo ocorresse de maneira efetiva no dia da entrevista, o processo do GF teve de ser planejado. Seguindo os estudos de ZIMMEMANN e MARTINS (2008), essa organização prévia envolve a equipe, o orçamento, o grupo, o conteúdo, à seleção do local e coleta de dados, o convite, o cronograma e à condução da sessão.

## 4 SEÇÃO

Mesmo que nosso foco não seja a educação na pandemia, não podemos ignorar o momento histórico que estamos passando desde março de 2020. Devido ao distanciamento social recomendado pela OMS (Organização Mundial da Saúde) a maneira que as escolas encontraram foram as aulas online, conhecido como EAD (Educação a Distância). Esse fenômeno jogou a escola para outro lugar, inclusive muitos estudiosos afirmam que a educação no século XXI começou apenas agora. Houve muitas consequências, mas o principal foi o agravamento na perda da esfera coletiva, e um indivíduo é apenas potencializado a partir do coletivo, e nesse momento não há sociabilização com o diferente. O problema é que a educação não é para ser um movimento individualista, se a mesma fosse apenas a absorção de matérias convencionais, isso seria possível, porém a escola é onde prevemos o futuro, o primeiro ambiente que uma criança tem a noção de sociedade. Para Paulo Freire (1969), por exemplo, “O homem se educa em comunhão”.

Apesar de todos os alunos terem sofrido para se acostumar com a nova rotina imposta pela pandemia, aqueles que já tinham dificuldade para viver o modelo presencial enfrentaram ainda mais obstáculos. O grande problema envolvido nesse movimento é a concretização absoluta da exclusão do aluno PCD, pois esse já era excluído interiormente no ambiente escolar presencial. Dessa forma, o aprendizado online passou a ser um fator agravante na supressão do diferente, tornando sua adaptação ao novo modelo de ensino ainda mais complicada.

Um autor que estudou muito sobre momentos de instabilidade na educação foi Theodor Adorno (1995), principalmente pós a Segunda Guerra Mundial. A barbárie perpetuada nesse momento foi vívida e isso refletia na escola, assim como a violência perpetua a desigualdade. O grande problema é que a escola é um espelho da sociedade, ou seja, aquilo que as pessoas estão falando, nas ruas, se propagará no ambiente escolar, e nesse momento era o impulso de destruição, e batalhar contra isso era questão de sobrevivência para a humanidade. A escola é a instituição que deve se opor a massificação e a barbárie, tanto física, quanto psicológica, ou seja, se colocar a favor de uma civilização pacífica e da harmonia entre os homens

A alteridade deve ser o centro da questão escolar. Aceitar e aprender a lidar com o outro, torna indivíduos mais humanos e menos individualistas. Nesse sentido, a presença de pessoas com deficiência no ambiente escolar é essencial para

construir essa qualidade desde criança. É visível que na maioria das vezes a presença de PCDs gera um incômodo e desconforto que foi construído pelo preconceito do diferente, porém é importante destacar que é na diferença que descobrimos quem somos.

Nós não nascemos humanos, nos tornamos humanos, e a escola tem o dever de conduzir essa evolução de maneira apropriada. Esse é o primeiro ambiente que uma criança tem a noção de sociedade, ou seja, tudo que for reproduzido no mesmo, terá influência em seu comportamento externo, se tornando o espaço onde se vê o futuro, chamado de lugar da vanguarda. E por que discutir inclusão, não é discutir educação? Até o final dos anos 50, a escola selecionava seus alunos, já construindo uma ideia de espaço para a “perfeição”. E a partir de 1990, foi quando o conceito de inclusão passou a ser aplicado, abolindo o conceito de classes e escolas especiais. Porém, como o tradicional era a separação, ao “incluir” PCDs nas escolas convencionais, implicaram esse termo. Como afirma Marta Gil (2012), a meta de todos os educadores é fazer com que o uso dessa nomenclatura não seja mais necessário.

O grande problema é que isso não é posto devidamente em prática. Segundo pesquisa da UNESCO, cerca de 60% dos países da região têm uma definição de educação inclusiva, mas apenas 64% dessas definições cobrem vários grupos marginalizados, o que sugere que a maioria dos países ainda não adotou um conceito amplo de inclusão. Descumprindo com a democracia, pois o ensino influencia na ascensão social, e ao realizar a exclusão das pessoas com deficiência na escola, faz com que a desigualdade se transpareça de forma mais acentuada.

É importante destacar que a inclusão é responsabilidade de todos, e não apenas de educadores, através da prática cotidiana esse processo pode ser facilitado. Para o apoio de uma pessoa com deficiência na escola, o apoio familiar é essencial, a família é uma referência para o indivíduo, e ao perceber o acompanhamento, essa pode ter um maior conforto no processo de aprendizado. E o aprendizado na educação inclusiva é de grande valor, a escola para os PcDs não deve ser apenas um espaço de socialização, mas também de aproveitamento acadêmico, pois esses possuem uma alta capacidade de reter conhecimento, diferentemente de como é assumido popularmente.

Esse preconceito não é de hoje, segundo Blanco (2003), houve quatro fases do tratamento perante PcDs na história. A primeira sendo “fase da exclusão”, todo o

período anterior e durante a Idade Média, as crianças que nasciam com qualquer tipo de deficiência eram escondidas ou sacrificadas, e religiosos afirmavam serem “dominados pelo demônio”. Já a segunda fase, no final do século XVIII, ficou conhecida como “fase de segregação”, quando começaram a surgir instituições que segregavam aqueles com diagnóstico em quociente intelectual. A partir de 1970, iniciaram reivindicações para a integração de PcDs em escolas tradicionais, para assim iniciar a chamada “inclusão total”, quando surgiram práticas contra a educação segregadora.

A educação inclusiva é uma lição de cidadania para com o próximo. Ao longo do tempo, a sociedade iniciou um processo de ação de impacto para o direito de todos os alunos com deficiência. Fazendo com que a escola não se tornasse uma instituição segregadora, mas sim de convivência e aprendizado com o diferente.

## 5 EDUCAÇÃO E BARBÁRIE SEGUNDO ADORNO

O mundo pós 2ª Guerra Mundial se revelou não civilizado, um local onde os indivíduos possuem um impulso de destruição. Em sua obra, Adorno (1995) realiza uma citação na qual Freud alegava sobre o instinto de agressão que conduz a tendências produtivos, ou seja, o radicalismo conduz a barbárie, que é o momento no qual a pessoa ou um grupo de pessoas para de reconhecer ou escutar o outro. No ambiente escolar, o outro é fundamental, a educação tem o papel de superar os tabus acerca da diferenciação, intelectualização e espiritualidade, porém acaba sendo um local propagador de barbárie, logo afirma Adorno: “[...] Ao contrário: esta passividade inofensiva constitui ela própria, provavelmente, apenas uma forma da barbárie, na medida em que está pronta para contemplar o horror e se omitir no momento decisivo”.

Atualmente, podemos inferir essa afirmação nos diversos casos de bullying, nos quais muitos não são levados a sério, enquanto na verdade o sistema educacional deveria ter aversão à violência física<sup>1\*</sup>. A competição incentivada pela escola também é um ato bárbaro, contrário a uma educação humana, isso é, fazer tornar pessoas superiores a outras.

---

<sup>1</sup> Em um recente estudo Stella Hadassa analisou o fenômeno da violência escolar como variável desse processo de desumanização do ambiente escolar. “Um dos problemas mais críticos presentes em nossas escolas é a violência, a qual é o assunto deste projeto. Diariamente, professores são agredidos em sala de aula e alunos sofrem violência verbal e física, isso revela não apenas um problema na educação, mas também em toda a sociedade, pelo simples fato de que chegamos a um alto índice de violência ao ponto de atingir o ambiente escolar, lugar que era para ser um refúgio para os alunos de todos os problemas da sociedade, onde eles crescem em valores e em conhecimento, no entanto, quando a violência atinge as escolas, percebemos que ela não está cumprindo mais o seu papel na sociedade, o que coloca a formação de nossos jovens em risco.” - “Índice de Violência Escolar (IVE) da cidade de São Paulo” de Stella Hadassa Alves Vieira.

## 6 PAULO FREIRE E O CONCEITO DE HUMANIZAÇÃO

Um termo com um peso muito importante para essa pesquisa é a “humanização”. Esse é utilizado diversas vezes por Paulo Freire (1969), para defender a educação inclusiva para PCD’s. O autor explora a finalidade de “escolas humanas”, que não padronizam os alunos, para mostrar a realidade que vem sendo oculta durante muitos anos.

O processo de humanização pode ser interpretado como aprender a enxergar o outro como humano, tendo em mente que a diferença não é algo negativo. Para isso, é necessário o estranhamento, o aprendizado e o reconhecimento do outro, processos fundamentais em uma sala de aula: principal local para a humanização do homem.

Paulo Freire (1969) aborda em seu texto o processo de uma educação que desumaniza o homem, que desde o início, desumaniza as pessoas, tratando-os como “estranhos” ou “incapazes”. O sistema da escola atual pode ser comparado ao sistema bancário. Uma pessoa (professor) enxerga a outra (aluno) como um banco, onde deposita seus conhecimentos, e não ganha nada em troca, criando uma relação educador para educando. O autor faz uma crítica a esse sistema, sugerindo como solução a escola humanizada, onde há uma troca de conhecimentos e aprendizados, criando uma relação educador-educando para educando-educador.

## 7 A INVISIBILIDADE E SEUS DESDOBRAMENTOS

A diversidade e a inclusão caminham juntos, é o diferente inserido naquilo considerado o “tradicional”, porém essa afirmação é irracional, visto que todos somos diferentes entre nós. A escola é o ambiente onde crianças e adolescentes aprendem a lidar com o diferente, é o espaço onde o indivíduo tem uma simulação e preparação para a sociedade, a primeira sensação de comunidade. Portanto, a forma como a instituição vê e trata as pessoas com deficiência, reflete em como os alunos veem, o problema é que muitas escolas separam os alunos com deficiência daqueles que não possuem, no recreio, por exemplo, então é normal com que esses possuam medo ou estranhamento.

Para Marta Gil (2012) podemos considerar que há dois tipos de invisibilidade. O primeiro tipo é aquele em que o PCD tem suas características camufladas, ou seja, quando um indivíduo ignora suas necessidades em nome da igualdade. Esse processo é extremamente perigoso, pois ao desconsiderar as diferenças, torna-se inviável a presença destas pessoas nos espaços sociais. Além disso, segundo a Convenção Sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, a ausência de acessibilidade é considerada discriminação, e isso é crime. Todavia, a socióloga também apresenta uma segunda invisibilidade, a qual desejamos. Essa se torna possível quando as pessoas com deficiência tiverem suas necessidades contempladas, ou seja, quando serem tratadas com naturalidade, segurança e respeito pelos outros. Garantindo assim que suas diferenças sejam vistas e reconhecidas.

Em outras palavras, se a escola se posiciona de uma maneira acolhedora e com igualdade entre todos os alunos, é possível refletir nos jovens que não são Portadores de Deficiência, para assim ocorrer uma convivência que inclua todos. Logo, é necessário um ambiente preparado para essa recepção, tendo em conta uma infraestrutura adequada, com acessibilidade, além de professores treinados, pois na maior parte das vezes eles aprendem a teoria, porém na prática não tem embasamento suficiente. Assim como a Marta Almeida Gil (2012) comentou que o desejo de todos é que educação inclusiva não seja mais um termo utilizado, mas sim, apenas educação.

A sala de aula precisa ser reconhecida como um espaço para a emancipação, ou seja, onde todos alcançam seus direitos de maneira absoluta. A partir dessa

condição é possível ter uma educação efetiva e que atenda todos os alunos. Entretanto, na prática identificamos a estrutura escolar como um impasse ao esclarecimento, já que essa é constituída a partir da medição do talento de seus participantes. Para Adorno (1995): “[...] o talento não se encontra previamente configurado nos homens, mas que, em seu desenvolvimento, ele depende do desafio a que cada um é submetido. Isto quer dizer que é possível ‘conferir talento’ a alguém”.

O perigo de se basear no talento do aluno envolve a possibilidade de uma prefiguração do seu perfil, como por exemplo, alunos com deficiência são desde o início taxados pela sua maior dificuldade, o que resulta em uma descrença sobre seu potencial. É fundamental perceber que há dois tipos de inclusão, a física e a orgânica. A primeira é aquela que presenciamos todos os dias, a qual o diferente é incluído apenas de maneira corpórea na instituição escolar, porém é invisível sobre os olhos dos outros. Enquanto a outra, é a inclusão desejável, na qual o aluno PCD além de estar dentro do espaço da sala de aula, é reconhecido e convive efetivamente com os outros.

Para Julia Thomas (2012), a invisibilidade social ocorre a partir da consciência de "não ver o outrem", ou seja, o invisível, de maneira indesejada, é o resultado da recusa do reconhecimento. A renúncia de ver contribui para a invisibilidade à alteridade, e a recusa do conhecimento, somado ao desprezo gera a rejeição. Por exemplo, os alunos PCDs, apesar de estarem fisicamente dentro da sala de aula, não são reconhecidos dentro da própria educação, isso porque são taxados pelas suas diferenças.

Esse processo traz muitos malefícios, principalmente para os indivíduos com deficiência, que interiorizam imagens depreciativas de si mesmos. Além disso, para serem inseridos na sociedade é necessário ter sua identidade reconhecida, porém a invisibilidade não os permite isso. Ter o seu direito reconhecido é essencial para a construção do reconhecimento jurídico, só assim é possível ter o valor social da sua identidade.

Para Pierre Bourdieu (1990), os estudantes desfavorecidos são “os excluídos do interior”, pois apesar do ensino estar aberto a todos, é apenas reservado para alguns. Tendo como consequência, a institucionalização da exclusão interna, na qual ocorre a eliminação precoce e brutal das crianças desfavorecidas. Assim, para superar a falsa ideia do talento, buscar a emancipação e alcançar o esclarecimento, seria necessário, para Adorno, a aprendizagem por intermédio da motivação.

Ainda, precisamos levar em consideração o espaço educacional como um ambiente diverso, e que é a partir dessas diferenças que o conhecimento se constrói, já que esse é constituído pela troca de relações e experiências. Nesse contexto, o autor enaltece a importância da instituição, já que que é imprescindível a existência de uma oferta múltipla que motive o aprendizado e atenda a necessidade de todos os estudantes. Só assim seria possível superar os obstáculos sociais e constituir uma educação compensatória.

## 8 A FIGURA DO PROFESSOR E A CRISE DA EDUCAÇÃO

Assim, entramos no papel do professor, como orador, figura central da sala de aula, e ser humano. É comum pensar que a interação com PcDs nas escolas, é importante apenas para os alunos, entretanto, essa também é essencial para o pedagogo. Para Paulo Freire (1965), o sistema educacional atual pode ser apelidado de “bancário”, pois assim como em um banco, alguém deposita algo e o outro recebe, no caso escolar, aprendizados. Esse método impõe uma relação entre professor e estudante, como educador e educando, onde o primeiro, estritamente ensina, e o segundo apenas aprende. Porém, esse sistema não valoriza a troca, uma das principais funções da sala de aula, e essencial para a humanização de todos presentes nela. Para isso, Freire (1965) diz que a relação deve ser como educador-educando para educando-educador, desta forma, ambos estão trocando valores e ensinamentos, aprendendo um com o outro.

Para Hannah Arendt (1961), há, na contemporaneidade, uma crise na educação. A filósofa descreve diversos motivos que contribuíram para esse processo como o isolamento das crianças do mundo adulto e a desvalorização do passado. O primeiro motivo citado se constitui a partir da perda da autoridade e da separação bruta entre a criança e o adulto, permitindo que os mais jovens criem as próprias leis. Esse processo é problemático, pois sem a soberania de um adulto, a criança se encontra sozinha e é submetida a lógica tirânica da maioria. Podemos levar como exemplo casos de bullying, ou até mesmo o isolamento físico de PCD's.

Adicionalmente, a segunda razão exposta pode ser justificada a partir da premissa de que o respeito ao antigo é fundamental para a essência da educação. Isso se dá como verdadeiro, já que o aprendizado só ocorre a partir do movimento de olhar, reconhecer e refletir sobre o passado. Entretanto, no mundo contemporâneo há uma crise na tradição, o que acarreta na limitação do processo de ensino. Segundo Cunha (2015), “a inclusão de Pessoas com Deficiência na escola precisa de fundamentos teóricos, como também da lida diária da prática para estabelecer dados concretos que incentivem, guiem e deem segurança aos educadores. Também é preciso que o sistema de Educação Inclusiva observe as necessidades gerais dos alunos, exigindo da escola sensibilidade em trabalhar com as individualidades.”

Nesse contexto, o professor torna-se uma figura central para combater a ideia de crise na educação. Ele está estritamente ligado à concepção elementar do que é

aprender, desta maneira deve ser formado no ensino e não em um conteúdo particular, tendo a função de mostrar aos seus alunos como se adquire o saber. Ainda, o educador deve funcionar como um mediador entre o antigo e o novo, mantendo um equilíbrio entre a tradição e o moderno. Entretanto, um professor que sabe pouco, não tem bagagem para instruir e coordenar um espaço de sala de aula, perdendo assim sua autoridade. A diminuição da sua soberania não o permite realizar sua função de maneira absoluta, comprometendo assim a construção do conhecimento dos seus alunos.

## 9 A IMPORTÂNCIA DO ESTRANHAMENTO

Por conseguinte, é necessário aprofundar na notoriedade da sala de aula como um espaço onde a multiplicidade e a diversidade são consideradas chaves para alcançar o objetivo final, a aprendizagem. Nesse sentido, destaca-se a importância da presença de PCD's no ambiente de estudo, já que é a partir da diferença do outro que encontramos a possibilidade de humanização. Adicionalmente, é de extrema importância a presença do “estranhamento” quando somos colocados em contato com algo novo.

Apesar de muitos naturalmente agirem ou até pensarem o contrário, é a partir da provocação e do incomodo que aprendemos a lidar com o outro e refletirmos sobre nós mesmos. É frequente vermos a situação em que um indivíduo não sabe lidar com um PCD, então utiliza uma espécie de cordialidade para amenizar seu estranhamento. Todavia, é importante reconhecer que a gentileza não é transformadora e que o processo de conforto frente ao que está calado é problemático. Segundo Martha Gil (2012), ignorar em nome da igualdade contribui para a invisibilidade do diferente. Para Bourdieu (1990), essa falta de movimento favorece os favorecidos e desfavorece os desfavorecidos, pois ignora suas diferenças e os tratam como iguais. Portanto, é possível classificar a naturalização como um ato perverso e como um grande obstáculo quando se visa a humanização (BOURDIEU, 1990).

Apesar da diversidade ser a essência do âmbito educacional, a escola, como um espelho da sociedade, acaba por reproduzir as problemáticas que ocorrem socialmente na comunidade dentro da sua instituição. Nesse contexto, é possível identificarmos a desigualdade no lugar da alteridade nos espaços educacionais. Para Bourdieu (1990), as escolas se constituem a partir de uma "transmutação da verdade social em verdade escolar", ou seja, a disparidade social existente reflete em uma ordem excludente, seletiva e conservadora dentro da educação. Em outras palavras, o que ocorre dentro da instituição escolar, como por exemplo o comportamento dos alunos, ou até mesmo, a abordagem dos professores, é constituído a partir do contexto social vivido no momento. Portanto, há uma cópia dos contrastes sociais presentes na contemporaneidade dentro do ambiente de ensino, tendo como consequência a exclusão dos alunos PCDs.

## **10 DISCUSSÃO NA DETERMINAÇÃO DA NOMENCLATURA “PCD”**

Para ser definida uma nomenclatura correta ocorreu um grande debate, foram considerados diversos termos, e isso foi discutido por muito tempo para se encontrar uma maneira ética e respeitosa àqueles que estamos nos referindo, principalmente porque uma terminologia pode definir estereótipos. Em 1988, a constituição brasileira definia o termo "pessoa portadora de deficiência" como o correto, entretanto na década de noventa, com o objetivo de acabar com o estigma e com os pré-conceitos inadequados, o termo foi modificado para "pessoa com necessidade especial". Todavia, dando continuidade às discussões sobre qual seria o termo mais adequado, em 1994, na Declaração de Salamanca, definiu "pessoa com deficiência" ou PcD como o correto.

A nomenclatura PcD é dada como certa por muitos motivos. O primeiro desses é para mostrar com dignidade as diferenças e as necessidades, explicitando as condições presentes do indivíduo como uma maneira de empoderamento, colocando a palavra “pessoa” em evidência, combatendo neologismos que tentam diluir as diferenças. Segundamente, para defender os direitos iguais perante todos, pois ao usar o termo “portador” traz indícios de que pode se desvencilhar da deficiência, algo que não é possível. Já a terminologia “portador de necessidades especiais” se revela equivocada porque o “especial” é relacionado a necessidades desse grupo na área da educação, ou seja, não é coerente utilizá-la ao se referir a alguém com deficiência. Ao colocar “com deficiência” na nomenclatura, traz a ideia de não esconder ou camuflar a deficiência. Todo esse conceito está determinado no Estatuto da Pessoa com Deficiência e na Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência.

## 11 GRUPOS FOCAIS

### 11.1 EXPERIÊNCIA PILOTO

Equipe: A equipe de trabalho na realização do Grupo Focal foi composta por nós que nos dividimos em diferentes funções: Moderadora, Observadora e Redatora. As três integrantes do grupo estiveram presente em todo o processo.

Orçamento: Como o GF foi realizado em nossa escola, não houve gastos adicionais.

Grupo: Cada uma de nós ocupou uma função específica durante o processo do grupo focal. Uma de nós foi escolhida para ser a moderadora, ou seja, ficou responsável pelo encaminhamento das questões, pela direção dos assuntos discutidos e pelo incentivo da participação de todos os entrevistados. As outras duas se comprometeram ao processo de análise e anotação das respostas, sejam elas verbais ou físicas. A observadora tinha como função examinar as ações comportamentais geradas pelas questões, enquanto a redatora se responsabilizou pelo registro do que foi respondido oralmente.

A divisão foi pensada com o objetivo de atingir o melhor resultado possível, por isso consideramos características individuais que melhor nos encaixariam em cada papel. É importante ressaltar que a separação de funções não foi restrita, portanto, a contribuição de todas as pesquisadoras ocorreu de diferentes maneiras.

Conteúdo: Para constituir o conteúdo do GF foram elaboradas 11 perguntas que discutiam o nosso tema principal, sendo algumas mais gerais e outras mais específicas. Ressalta-se a formação e adição de comentários incitativos das pesquisadoras para nortear a discussão. (Ver apêndice.)

O ambiente e os recursos utilizados: Para escolher o ambiente de discussão levou-se em consideração diversos fatores para maior efetividade das respostas, como por exemplo, a ausência de barulhos e distrações. Ainda, era preciso que fosse um lugar que permitisse o conforto dos entrevistados, assim o encontro foi realizado logo após o final das aulas dos alunos, em uma sala autorizada pela escola.

As cadeiras do ambiente escolhido foram dispostas em um círculo, forma que permitiu as pesquisadoras e todos os participantes se verem, facilitando o debate e a análise dos entrevistados. Adicionalmente, a realização do Grupo Focal requer a utilização de recursos que facilitam a pesquisa, no caso, utilizou-se o gravador do celular para auxiliar o registro das respostas. Nota-se que os participantes foram avisados que seriam gravados e não houve discordâncias ao fato, o gravador foi ligado logo no começo da sessão, e desligado apenas no final.

Complementarmente, é de extrema importância ressaltarmos que o espaço de pesquisa foi organizado de forma adequada levando em consideração as condições pandêmicas vivenciadas em agosto de 2021. Nesse sentido, o ambiente estava devidamente higienizado, todos os entrevistados e as pesquisadoras estavam de máscaras e servindo o distanciamento social.

Convite: Primeiramente, foi pensada uma lista com possíveis alunos de diferentes séries que poderiam ser entrevistados e que ajudariam de maneira efetiva a pesquisa. Logo em seguida, o convite foi enviado através de mensagens iguais para cada pessoa. Para garantir uma sessão positiva, os convidados foram lembrados da data do evento alguns dias antes.

Cronograma: O processo de realização do GF pode ser dividido em 3 partes: planejamento, condução e análise. O planejamento ocorreu mais ou menos 2 semanas antes do dia 02 e foi o período de escolha de data, preparação das perguntas e confirmação dos entrevistados. A condução é o próprio dia da roda de conversa, a qual durou 50 minutos. Do dia após o GF até a entrega parcial da pesquisa (13 de setembro de 2021), é o período chamado de análise, a qual se constitui da reflexão das pesquisadoras sobre os resultados obtidos.

Condução da Sessão: Após sentarem aleatoriamente no círculo formado, a moderadora deu início a sessão apresentando a si mesma e as outras pesquisadoras, junto das funções de cada uma dentro daquele Grupo Focal. Vale ressaltar que as autoras desse trabalho sentaram separadas, com o objetivo de construir um ambiente ainda mais confortável para os entrevistados. Logo em seguida, a condutora da sessão agradeceu a presença de cada um, reforçou a importância da presença desses para a realização da pesquisa e explicou o tema que seria discutido. Antes de

dar início às questões, leu-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, cujo os entrevistados preencheram em seguida.

Conclusões parciais: Como consequência do período de análise, fez-se possível as conclusões finais sobre o grupo focal. Nesse contexto, o resultado obtido no dia 02 foi extremamente positivo e importante para a realização dessa pesquisa.

Tópicos importantes: Durante a entrevista, percebemos que alguns tópicos foram levantados com frequência por mais de um participante. “Dois pesos duas medidas” foi uma frase muito dita pelos entrevistados para explicar a diferenciação de tratamento necessária dependendo do caso do aluno, como por exemplo, em relação a cobrança acadêmica. Nesse sentido, em relação aos PCD's, os participantes defendiam que deve haver uma flexibilidade e adequação em certos aspectos para os alunos com deficiência, porém, sem separá-los do restante. Ainda deram destaque para a importância da preparação dos professores para resolverem questões envolvendo alunos PcD's, já que para muitos esses geralmente não fazem isso de maneira eficiente, como na fala de um dos entrevistados "é necessário diferenciar punição de ensinamento".

Já que todos os entrevistados estudaram em escolas inclusivas, e a maioria teve contato com alunos com deficiência desde pequeno, foi muito citado o sentimento de felicidade e gratidão que tiveram ao acompanhar a trajetória de colegas PCD's. Comentaram que crescer com esses estudantes foi de extrema importância para a sua própria educação, já que os fez perceber que há diferentes tipos de abordagens acadêmicas, levando em consideração que capacidade e inteligência são coisas extremamente individuais de cada estudante. Nesse contexto, a ideia de que os PcD's são menos capazes que o restante é errada.

Por conseguinte, outro benefício gerado pela alteridade na sala de aula citado pelos entrevistados é a construção de uma sociedade inclusiva, já que como falado "o papel da escola é educar todos". Para esses a instituição escolar funciona como um espaço de preparo dos alunos para o mundo e por isso, se configura como um meio de solução para os problemas sociais, como o preconceito com o diferente.

É importante ressaltar que os participantes trouxeram a importância do estranhamento antes que as pesquisadoras apresentassem o conceito. Junto disso, mencionaram que o ensinamento “somos todos iguais” se torna algo problemático,

uma vez que esse infere um tratamento de indiferença que não deve ocorrer, já que para superar os próprios preconceitos, é necessário reconhecer a diferença e lidar com ela de forma real e efetiva.

O caráter qualitativo: Como esperado, as discussões geradas pelas questões apresentadas, frequentemente eram baseadas nas experiências dos entrevistados, concluindo a abordagem da pesquisa qualitativa de Minayo. Ainda, vale ressaltar que a maioria das perguntas formuladas durante o planejamento foram eficientes e geraram boas discussões com poucas intervenções das pesquisadoras, portanto não será preciso a alteração destas.

Mobilizando os entrevistados: Entretanto, foi possível identificar que as primeiras perguntas feitas não foram respondidas completamente, já que percebemos que os entrevistados ainda não estavam totalmente confortáveis naquele espaço. Portanto, será necessário pensar formas, como vídeos, que estimulem e promovam um aquecimento para dar início a discussão.

O desvio para outros temas: Por outro lado, a discussão gerada pelas perguntas entre os participantes, muitas vezes era direcionada para outros temas sociais, como racismo e homofobia. Mesmo aparentando ser um aspecto ruim, já que não estaria sendo discutido o tema norteador, esse fato comprova que esse trabalho não é apenas sobre inclusão nas escolas. Na realidade, evidencia que discutir sobre a importância dos PcD's dentro da sala de aula também é discutir sobre a concepção da educação e sua essência, considerando a alteridade como um pilar constituinte dessa.

Grupo focal como metodologia: Assim, apesar de as entrevistas individuais inicialmente terem sido pensadas como melhor metodologia para continuação da pesquisa, a experiência do grupo focal mudou essa concepção. Os resultados positivos adquiridos levaram a conclusão de que as discussões em grupo, como a que ocorreu no dia 02, se constituem como a melhor maneira metodológica a ser seguida para dar continuidade ao estudo.

## **11.2 PESQUISA DE CAMPO: GRUPOS FOCAIS EM OUTRAS ESCOLAS**

Após concluir o grupo focal como melhor metodologia, fez-se possível dar continuidade a pesquisa de campo deste projeto. Assim foram realizados diversos grupos focais em diferentes escolas da cidade de São Paulo. Vale ressaltar que todas as rodas de conversa foram feitas com adolescentes estudantes do ensino médio e que tiveram contato com alunos PcD's na sua trajetória escolar.

### **11.2.1 Grupo focal 2 – 07 de outubro**

Para a realização deste grupo focal os tópicos "Equipe", "Orçamento", "Grupo", "Conteúdo", "O ambiente e recursos utilizados" e "Condução da Sessão" são os mesmos da experiência piloto.

Convite: Entramos em contato com essa instituição através de nosso orientador, quem selecionou um grupo com 9 estudantes de primeiro e segundo ano do ensino médio, chamando-os uma semana antes do evento.

Cronograma: Uma semana antes do grupo focal, foi proposta para os estudantes a participação. O processo de preparação ocorreu mais brevemente, por já termos uma experiência prévia. A condução no dia sete de outubro de 2021 teve um total de 35 minutos, para assim, nos dias seguintes, analisarmos.

Conclusões parciais: Durante a realização deste grupo focal fez-se possível destacarmos alguns tópicos importantes discutidos. A conversa logo começou com os alunos chamando atenção da necessidade de haver pelo menos um aluno PcD na sala de aula, para eles, isso traz um benefício para eles mesmos e para os professores, já que causa uma mudança de perspectiva.

Algo que foi muito falado foi o sentimento de incapacidade que os alunos sentiam para resolver situações com alunos PcD's, foi citada muitas vezes a falta informação sobre o assunto. Essa conversa se estendeu também para o papel do professor, que nas percepções dos entrevistados, frequentemente não possuem preparo ou conhecimento para lidarem com tais alunos. Ainda, ressaltaram que o lugar ocupado pelo aluno PcD, geralmente no canto da frente da sala de aula,

influencia na sua exclusão. Entretanto, também salientaram a necessidade desses alunos de ocupar tais lugares para conseguirem acompanhar melhor o que está sendo estudado, para isso exemplificaram com experiências de alunos surdos e cadeirantes.

Uma problemática levantada é o fato de a escola tentar tratar todos como iguais, fator que para eles é equivocado, pela razão de que os alunos PcD's mereceriam um tratamento especial, como adaptações de materiais de aprendizagem, efetivando a participação na sala de aula. O processo de considerar todos como iguais contribuiria para uma naturalização obscura do diferente, onde a sua pluralidade seria apagada e esquecida.

Outro ponto muito importante que fora comentado é a questão do estranhamento. Ao perguntarmos se esse processo de estranheza era algo positivo ou não, os entrevistados divergiram de opiniões em princípio, porém a partir da discussão chegaram em uma conclusão juntos. Para eles, o estranhamento pode ser algo negativo quando for apenas construído de preconceito e julgamentos. Entretanto, pode ser positivo, pois é algo natural do ser humano estranhar aquilo que nunca viu e ainda, pode ser um meio de reconhecimento para melhora de si próprio.

Para finalizar, discutiu-se a questão da volta das escolas especiais, e para os entrevistados tal processo seria problemático para ambos os lados, pois contribuiria para ignorância das pessoas. Ainda geraria um sentimento nas pessoas PcD's de merecimento de tal exclusão. Eles apontaram fortemente que é na escola onde se forma o cidadão e por isso realizar essa divisão nesse ambiente contribuiria para uma sociedade segregadora. Por conseguinte, o convívio com o diferente na sala de aula, é um meio de preparar o estudante para o mundo adulto e para uma sociedade inclusiva e diversa.

### 11.2.2 Grupos focais 3 e 4 – 14 de outubro

Nesta data foram realizados dois grupos focais em uma mesma escola. As etapas "Orçamento", "Conteúdo" e "Condução da Sessão" foram iguais às da experiência piloto.

Equipe: As pesquisadoras seguiram divididas nas mesmas funções, porém durante a realização do encontro contaram com a presença da coordenadora de série da escola visitada que teve função de auxiliar de pesquisa.

Grupo: O grupo consistiu em uma sala de aula mista de segundo ano do Ensino Médio, ambas com 15 alunos, inclusive com alunos de inclusão. Esse fator, fez com que precisemos adaptar duas questões que consideramos, de certa forma, invasivas. Além disso, a função de cada pesquisadora seguiu a mesma, e a coordenadora presente ajudou a moderadora na adição de questões instigantes para a discussão.

O ambiente e recursos utilizados: Fomos até a escola, na qual possuía salas formato auditório, portanto o círculo com as cadeiras não foi realizado. Cada aluno manteve em seus lugares regulares e nós sentadas na frente, sentimos que isso não afetou no desempenho do Grupo Focal.

Convite: O contato com a escola foi simples, como nosso orientador leciona nessa escola, o mesmo combinou com a coordenadora duas semanas antes do evento.

Cronograma: Duas semanas antes da data de efetuação entramos em contato com a escola. O preparo se baseou na adaptação de duas questões, a condução durou 50 minutos no dia 14 de outubro de 2021, e a análise foi realizada poucos dias após.

Conclusões parciais: Esse grupo focal teve como base estrutural de discussão o contato que tiveram durante toda a vida escolar com um aluno específico, portanto a grande maioria dos alunos relatam ter tido muita proximidade com a inclusão. Inicialmente, falaram que principalmente quando menores, havia um sentimento de

não saber como se relacionar e também de medo, por ser algo desconhecido. Porém, destacaram que com os anos, foram aprendendo a ajudar e a conviver com o aluno, algo que auxiliou os professores.

Primeiro GF: Durante a realização da roda de conversa, os entrevistados chamaram atenção da necessidade de adaptação do aluno no espaço da sala de aula físico e no seu processo de aprendizagem, exemplificando com a preparação de materiais adequados aos PcD's. Além disso, citaram que não são todos os professores que sabem lidar com a presença de alunos de inclusão, podendo até se configurar como um esquecimento do aluno dentro do espaço escolar.

Por conseguinte, os participantes do grupo focal discutiram a importância da convivência para normalizar o diferente, já que esse também faz parte da nossa sociedade. Essa questão se torna ainda mais notória dentro da instituição escolar que, para eles, é o âmbito que prepara o aluno para o mundo, assim a diversidade dentro da sala de aula seria um meio de dissolver a ideia da deficiência como algo pejorativo. Adicionalmente, eles problematizaram o ditado "somos todos iguais", já que essa fala não considera as diferenças de cada indivíduo e não permite o desenvolvimento de uma sociedade inclusiva.

Da mesma maneira, o PcD fazer parte da turma é uma peça muito importante para o desenvolvimento de todos os alunos, funcionando como uma aprendizagem mútua. Os entrevistados citaram que essa experiência é algo rico e necessário para uma educação efetiva. Nesse sentido, a presença dos alunos PcD's dentro da sala de aula contribui para a construção de sociedade cada vez mais preparada para a acessibilidade.

Quando questionados em relação ao estranhamento, os entrevistados disseram que é preciso permitir a estranheza para que haja a desconstrução do preconceito em relação aos PcD's. Nesse sentido o estranhamento se configura como algo positivo, natural e necessário para mudança de perspectiva do indivíduo. Ainda, após serem questionados sobre as falas do ministro e o contexto brasileiro em relação a educação inclusiva, defenderam que as salas especiais colaboram para um processo retrógrado e segregador.

Para finalizar, foi discutido maneiras para tentar melhorar situação brasileira sobre o assunto, para os alunos é fundamental tornar as pessoas mais capazes de

lidar com os PcD's. Assim, para combater a ignorância, é essencial repensar a estrutura escolar, investir na formação dos professores e disponibilizar informação

Segundo GF: Não divergindo dos outros, um tópico frequentemente levantado na discussão foi a necessidade da convivência como meio para conscientizar e normalizar o diferente, afirmando também que esse contato traz benefícios, principalmente para combater a intolerância. Principalmente desde cedo, pois agrega na construção da pessoa e de sua mentalidade, porém com a necessidade de supervisão, por crianças ainda não possuírem senso e filtro em falas ou ações.

Juntamente desse processo, indicaram que o indivíduo que nunca teve contato com PcDs sempre terá um estranhamento mais acentuado, ou seja, uma empatia empírica. Através de uma discussão acalorada sobre o estranhamento, estavam em um dilema se o mesmo seria negativo, por se julgar alguém sem conhecer, ou se seria positivo por ser natural estranhar o que não conhece, e esse movimento pode ser uma forma para relacionar com o diferente e superar esse preconceito, uma das falas citada por um entrevistado foi: “O preconceito acaba com o conhecimento”.

Além disso, foi debatido que a estrutura escolar hoje não aborda todos, portanto há a necessidade de adaptações em diferentes dinâmicas. Ao mesmo tempo, os adolescentes demonstraram uma percepção dos alunos perante a falta de preparo do professor, citaram momentos em que esses não sabiam como lidar em situações específicas, e por não entenderem o que estava acontecendo com o aluno PcD, em um momento de crise por exemplo, ficavam bravos ou estressados, algo que não contribui em ocasiões como essa.

Ao comentarmos sobre o decreto 10.502/2020 os alunos revelaram uma indignação, afirmando que as salas especiais é um ato segregador e retrógrado, algo negativo para ambos lados, para os alunos com e sem deficiência, principalmente por contribuir para a divisão da sociedade e por acabar com o processo da normalização da deficiência.

### **11.2.3 Grupo focal 5 – 18 de outubro**

Para a realização deste grupo focal os tópicos "Equipe", "Orçamento", "Grupo", "Conteúdo", "O ambiente e recursos utilizados" e "Condução da Sessão" são os mesmos da experiência piloto.

Convite: O contato foi feito entre as pesquisadoras e a coordenadora da escola.

Cronograma: Três semanas antes da data de efetuação entramos em contato com a escola. A condução durou 20 minutos no dia 18 de outubro de 2021, e a análise foi realizada poucos dias após.

Conclusões parciais: Nesse grupo focal, não nos surpreendendo, os alunos também desviaram a discussão para outros temas, mostrando como a discussão da inclusão escolar não é apenas a inclusão de PcDs, mas sim uma porta para o debate sobre a essência da educação. Ademais, afirmaram que a presença do diferente, nesse caso do aluno PcD, contribui na construção do ser humano a partir da convivência que o mesmo tem, levando a um olhar mais aberto socialmente.

Em relação a posição dos PcDs em sala de aula, citaram que esses sempre sentam no canto e na frente por um sentimento de incapacidade, então se afastam. E isso é um fator que contribui para a exclusão, apesar de dizerem que talvez seja um lugar necessário por ser mais acessível para os professores e ATs.

Quando perguntamos sobre o estranhamento, rapidamente todos responderam ser algo negativo, por ser algo natural implícito, e esse tipo de resposta, sem debate e imediata, se mostrou um padrão que cai no senso comum, ou seja, quando os alunos respondem aquilo o que acham que nós gostaríamos de ouvir.

Além disso, mencionaram que as escolas especiais são um movimento segregador, por isolar os PcDs e não preparam os alunos sem deficiência para um contato que terá ao longo de sua vida. Um dos entrevistados relatou: “Ao separar na escola, você isola do mundo”. Então, falaram que é necessário falarmos mais sobre o assunto, ter mais informação e divulgação sobre, especialmente porque a pluralidade ajuda a quebrar bolhas sociais, citaram que somos todos iguais.

#### **11.2.4 Grupo focal 6 – 08 de novembro**

Para a realização deste grupo focal os tópicos "Equipe", "Orçamento", "Grupo", "Conteúdo", "O ambiente e recursos utilizados" e "Condução da Sessão" são os mesmos da experiência piloto.

Convite: O contato foi feito facilmente visto que uma das pesquisadoras já havia estudado na escola.

Cronograma: Duas semanas antes da data de efetuação entramos em contato com a escola. A condução durou 40 minutos no dia 08 de novembro de 2021, e a análise foi realizada poucos dias após.

Conclusões parciais: Logo de início, percorrendo durante todo o grupo focal, os alunos mostraram um desconhecimento com a nomenclatura, algo que transparenta uma falta de conhecimento básico sobre o assunto. Porém, citaram que a construção do respeito se dá a partir da convivência, e algo muito falado foi a necessidade desse movimento desde criança.

Relacionado a isso, comentaram sobre a diferença da inclusão no Ensino Fundamental para o Ensino Médio. Repararam que os professores nas primeiras etapas escolares tinham maior preparo, e que nessas são quando inicia uma naturalidade do contato com PcDs. Já no Ensino Médio o processo mais incentivado é a independência, e os adolescentes comentaram que acreditam que isso é uma dificuldade maior para os PcDs, e que esses necessitam de um auxílio individual maior, não apenas nessa transição, sendo algo que talvez contribua na exclusão.

Essa exclusão também ocorre na falta de acessibilidade na escola, principalmente devido a quantidade de escadas. O lugar onde sentam, afirmaram que pode afetar nisso também, pois uma pessoa que já tem dificuldade de interagir sofre ainda mais excluído na frente e canto. Comentaram que em anos anteriores a coordenação reservava essa posição para facilitar a comunicação com o professor.

Os entrevistados comentaram sobre a sensação de impotência tanto dos alunos quanto dos professores para ajudar os PcDs. Frequentemente identificam uma falta de preocupação dos professores mostrada através do não preparo de atividades adaptadas, comentaram que alguns são capacitados a ensinar até um certo nível de deficiência. Já para os alunos, a grande maioria não sabe como se relacionar, algo que gera frustração e estranhamento. Ainda assim, relataram que o estranhamento é natural e maior para aqueles que não convivem, a questão é em como lidar com ele.

Sobre as falas do ministro, a maioria sabia sobre o ocorrido, e todos discordam com aquilo falado, pois a escola é um preparo para o mundo e as escolas especiais seria, como relatado: “Ensinar a não respeitar para a próxima geração”. Sendo um

processo segregador e retrógrado, onde os dois lados saem perdendo, os alunos com e sem deficiência.

### **11.2.5 Grupo focal 7 – 11 de novembro**

Para a realização deste grupo focal os tópicos "Equipe", "Orçamento", "Grupo", "Conteúdo", "O ambiente e recursos utilizados" e "Condução da Sessão" são os mesmos da experiência piloto.

Convite: O contato com a escola foi feito pelo nosso orientador.

Cronograma: Entramos em contato com a escola 15 dias antes da realização do grupo focal. O preparo foi a revisão das perguntas e confirmação do encontro com a escola. A conversa durou 43 minutos no dia 11 de novembro de 2021, e foi analisada após alguns dias.

Conclusões parciais: O grupo focal do dia 11 de novembro apresentou alguns diferenciais importantes para nossa pesquisa. Com a discussão, fomos capazes de destacar a relação dos alunos com os colegas PcDs. Os entrevistados mencionaram que tem muito contato com esses colegas desde pequenos, e os professores sempre incentivaram a interação e socialização entre todos, a partir de atividades em sala de aula, por exemplo. Portanto, percebemos que a conversa sobre inclusão foi algo muito natural para eles, e que tinham criado laços muito fortes com os PcDs.

Os entrevistados comentaram que sua escola tinha um preparo muito grande não só fisicamente como na formação de seus professores. Entretanto, reconheceram que esse preparo não é algo frequente em outros locais, e contaram que a própria instituição que estudam ensina e exige que seus funcionários tenham conhecimento de como lidar com PcDs. Os alunos enfatizaram a importância desse fato, e como essa preparação de seus professores influenciou positivamente na relação com seus colegas com deficiência, e que isso deveria existir em todas as instituições.

Outro diferencial desse grupo focal, foi o posicionamento dos PcDs na sala de aula. Os entrevistados comentaram que por se relacionarem desde pequenos, os colegas com deficiência sentam perto de quem são mais próximos, portanto, muitos deles assistem as aulas do fundo da sala de aula. Comentaram que esse fato faz com

que os PcDs participem das discussões da classe, e se enturmem mais com as outras pessoas.

A grande maioria dos entrevistados tinham conhecimento das falas do atual ministro da educação. Todos discordaram com tais comentários, principalmente por conta da sua própria experiência com os PcDs. Disseram que separá-los do resto da sociedade estaria os invisibilizando e naturalizando a exclusão, e dessa forma, a escola não estaria preparando seus alunos para o mundo real, uma de suas principais funções.

Por fim, sobre o estranhamento, os alunos disseram que esse é inevitável em um primeiro contato, pois existe uma quebra da expectativa que está enraizada na sociedade em relação as pessoas. Entretanto, dependendo do modo que você enxerga esse estranhamento, ele pode se tornar negativo, por exemplo, caso gere um preconceito ou exclusão. Também comentaram que na visão deles, a forma mais efetiva de naturalizar a relação com PcDs é a convivência desde sempre, principalmente no espaço escolar.

#### **11.2.6 Grupo focal 8 – 2 de dezembro**

Para a realização deste grupo focal os tópicos, "Orçamento", "Grupo", "Conteúdo", "O ambiente e recursos utilizados" e "Condução da Sessão" são os mesmos da experiência piloto.

Equipe: As pesquisadoras seguiram divididas nas mesmas funções, porém durante a realização do encontro contaram com a presença do coordenador de inclusão da escola visitada que teve função de auxiliar de pesquisa.

Convite: O contato com a escola foi feito pelo nosso orientador diretamente com o coordenador que nos acompanhou no grupo focal.

Cronograma: Entramos em contato com a escola 12 dias antes da realização do grupo focal. O preparo foi a revisão das perguntas e confirmação do encontro com a instituição. A conversa durou 33 minutos no dia 02 de dezembro de 2021, e foi analisada após alguns dias.

Conclusões Parciais: Esse grupo focal apresentou muitas semelhanças com o grupo focal do dia 11 de novembro. Durante a discussão, percebemos a importância que esses alunos dão para incluir os colegas PcDs. Eles citaram muitas vezes que tentam pensar em atividades que o colega se interessa em fazer durante um trabalho de grupo, ou então durante a dinâmica da sala de aula com objetivo de inseri-lo no processo de aprendizagem por abordagens específicas.

Os entrevistados mencionaram que, mesmo que tentem incluir o colega PcD na sala de aula, ainda sentem uma dificuldade em realizar, principalmente pelo lugar físico que esse ocupa na sala de aula (primeira carteira do canto). Os alunos dizem que isso afeta nas relações sociais de interação, diminuindo o contato do PcD com o restante dos alunos, o deslocando e dificultando que criem laços fortes. Entretanto, os entrevistados dizem que reconhecem que esse lugar também é algo estratégico, pois fica mais perto da porta, do professor e facilita um acompanhamento de A.T.

Em relação aos professores, eles sentem que alguns tem mais facilidade de lidar com os alunos PcDs e são bem preparados, mas não representa uma totalidade. Eles destacaram também, que sentem que os professores com menos aulas, ou aulas menos duradouras, tem uma relação muito menos próxima do que aqueles que passam mais tempo em sala de aula. E os entrevistados percebem isso na forma de tratamento, pois os com mais proximidade sabiam lidar melhor com alguma situação que pode vir a ocorrer com os alunos PcDs.

Ao discutir o estranhamento, o grupo discordou algumas vezes, primeiramente optando por esse ser um fator ruim, pois para estranhar, você não tem conhecimento sobre algo, e na visão deles, todos devem ter conhecimento sobre os PcDs. Esse estranhamento, para os entrevistados, evidencia a vivência em uma “bolha social”, pois a bolha não permite o contato com o diferente. Entretanto, após discutirem, concluíram que o estranhamento em relação a essas pessoas é algo natural em um primeiro momento e ser classificado como positivo ou negativo a partir do que a pessoa faz com ele. Se esse estranhamento ainda perpassa pelo preconceito, ele é negativo, mas se a pessoa decide fazer algo para modifica-lo, então ele se torna positivo.

Sobre as falas do ministro da saúde, apenas uma aluna tinha conhecimento sobre. Entretanto, todos os entrevistados discordam de tais afirmações, e afirmaram que ações exclusivas como essa apenas segregam as pessoas com deficiência da sociedade, e não prepara os outros pra vida real. Um dos entrevistados chegou a

classificar a escola como o espaço de formação de mentes críticas e sensíveis, na qual o convívio com o diferente beneficia ambos os lados. Assim, para eles, a falta do convívio no contraditório leva a construção do estranhamento negativo discutido anteriormente.

### **11.2.7 Grupo focal 9 – 20 de dezembro**

Para a realização deste grupo focal os tópicos "Equipe", "Orçamento", "Grupo", "O ambiente e recursos utilizados" e "Condução da Sessão" são os mesmos da experiência piloto. Entretanto, essa roda de conversa não foi realizada com alunos do Ensino Médio, mas sim, com 13 professores. A ideia desse encontro é nos permitir analisar outra percepção dentro da sala de aula sobre o assunto da Inclusão Escolar, e assim, fazer um cotejamento dos resultados obtidos. Ainda, é importante ressaltar que as respostas dos professores se constituem de suas experiências durante todas as suas trajetórias docentes, e não apenas na instituição atual.

Convite: Esse grupo focal foi realizado na escola das pesquisadoras, portanto o convite se deu a partir de uma conversa com a coordenação para discutir a disponibilidade de alguns educadores na data estabelecida.

Conteúdo: Por causa da mudança do perfil dos entrevistados de alunos para professores, também foi necessária a mudança do conteúdo utilizado nos grupos focais anteriores. Assim foram pensadas 5 questões que possibilitassem uma boa discussão sobre a presença dos alunos PcD's a partir da percepção dos professores. (Ver apêndice.)

Cronograma: Por estudarmos na escola, facilmente marcamos a data para a realização do grupo focal. O preparo maior foi a mudança do conteúdo. A conversa durou 31 minutos no dia 20 de dezembro de 2021, e foi analisada na mesma semana.

Conclusões Parciais: O começo do grupo focal com os professores se deu com a mesma situação apresentada para os alunos, em suas rodas de conversa. Nela, é descrito um estudante PcD que começa a agir ansiosamente e emitir sons altos, assim, quando perguntados qual seriam as reações dentro da sala de aula, as

respostas não destoaram uma da outra. Como muitos alunos nos relataram, a primeira resposta de um professor para situação foi mandar o estudante ficar quieto ou tentar acalmá-lo, pois o aluno estaria atrapalhando o decorrer da aula. Além disso, foi citado que os educadores entram na classe minimamente preparados para atender esse aluno, pois têm o acesso ao seu histórico escolar.

Entretanto, um ponto adicionado por um dos professores é que uma das coisas mais difíceis nessa situação é controlar a reação dos demais alunos. A entrevistada cita que muitas vezes esse olhar e fala gerada vem de um desconhecimento sobre o colega PcD, e que a escola como espaço de construção deveria disponibilizar rodas de conversa sobre o assunto. Nesse sentido, eles citaram que aqueles alunos que tiveram convívio com PcD desde a pré-escola mostram um conhecimento maior sobre o assunto e um estranhamento menor às situações. Por último, um dos entrevistados incentivou outra abordagem para resolver a situação apresentada, para ela, deveriam tentar se aproximar do aluno PcD e perguntar os seus limites, entretanto nem sempre é possível realizar tal leitura, isso por que, para eles, falta preparo.

Dessa maneira, os próprios educadores reconhecem que existe um déficit em sua carreira docente quando se trata do tema de educação inclusiva, um dado que condiz com o que era respondido pelos alunos. Por conseguinte, a falta de preparo dentro das universidades, os fizeram construir o seu conhecimento sobre inclusão escolar a partir do processo empírico das suas experiências como docentes. Adicionalmente, disseram que o fato de não terem sido ensinados na faculdade sobre inclusão escolar, resultou na necessidade de entender as abordagens necessárias por meios de estudos particulares. Assim, muitas vezes, cria-se uma dependência ao AT que acompanha o aluno, pois esse sabe lidar de maneira efetiva com as situações.

Por conseguinte, algo apresentado pelos professores é a dificuldade da inclusão escolar, especialmente no ensino médio. Para eles, o período fundamental é classificado como o lugar da convivência e de uma sociabilização frequente, enquanto o colegial, seria o lugar do conteúdo, não se tornando o espaço mais propício para tal movimento. Nesse sentido os professores entram na sala de aula com uma matéria que tem que ser dada até o final do dia, mas isso muitas vezes acaba por excluir o PcD da dinâmica de aprendizagem. Uma professora entrevistada citou que cada aluno PcD tem um curso diferente, pois cada um possui as suas abordagens de ensino, e, portanto, administrá-las se torna um grande desafio quando se tem uma aula de 45min. Nesse mesmo sentido, um professor evidenciou a

necessidade de achar um aspecto que vincule o aluno no processo de aprendizagem, por exemplo, figuras e desenhos para o educando que aprende pelo visual. Só assim, seria possível sair da sensibilização do sujeito e materializar o trabalho.

Ao contrário dos alunos, quando perguntados sobre as falas do ministro e a possível volta das salas especiais, os educadores, mostraram-se bem informados sobre o assunto. Para esses, essa volta se configura como o contrário daquilo que eles defendem de educação, ou seja, a pluralidade dentro da sala de aula. Nesse contexto, classificam tal movimento como segregacionista e reacionário, pois seria jogar fora tudo que a educação inclusiva conquistou ao longo dos anos no Brasil. A separação dos alunos PcD's afetaria de maneira prejudicial todos os envolvidos no ambiente escolar, um aluno que não tem contato com o diferente, entra no mundo real ignorante e perpetua o preconceito. A sala de aula, para os professores, é o primeiro espaço de preparo dos estudantes para a sociedade e por isso o PcD é uma chave fundamental para a aprendizagem de todos.

Para finalizar, os entrevistados evidenciaram uma necessidade de preparação da comunidade escolar, pois há uma falta de informação sobre o tema discutido na nossa sociedade. Esse conhecimento limitado resulta no que um educador classificou como "pseudoeducação", ou seja, "que está lá, mas não está", um processo bem parecido com os excluídos do interior de Bourdieu (1990). Ainda, outro tópico muito importante que apareceu no decorrer dessa roda de conversa é como, discutir sobre a importância da inclusão dos PcD's dentro da sala de aula também evidencia outros processos de exclusão não tão explícitos, como bullyings fomentados pelo racismo ou homofobia. Portanto, esse grupo focal terminou com a frase de uma professora afirmando que inclusão não é apenas acrescentar, mas sim acolher.

### 11.2.8 Quadro explicativo

<b>Grupos Focais</b>	<b>Data</b>	<b>Bairro</b>
1 (piloto)	02/09/2021	Vila Olímpia
2	07/10/2021	Paraisópolis
3	14/10/2021	Jardim Paulistano
4	14/10/2021	Jardim Paulistano
5	18/10/2021	Morumbi
6	08/11/2021	Mirandópolis
7	11/11/2021	Morumbi
8	02/12/2021	Itaim Bibi
9 (professores)	20/12/2021	Vila Olímpia
10	Previsto para 04/2022	Jardim Pinheiro
11	Previsto para 04/2022	Jardim Pinheiro
12	Previsto para 04/2022	Higienópolis
13	04/2022	
14	04/2022	
15	04/2022	
16	04/2022	
17	04/2022	
18	04/2022	
19	04/2022	
20	04/2022	

## **12 CONCLUSÕES**

A partir da análise dos dados obtidos da pesquisa de campo fez-se possível a construção das conclusões parciais, que para nós foi o processo mais difícil até agora, já que os nossos objetos de pesquisa são difíceis de organizar e categorizar de maneira objetiva e concreta. Por isso, foi necessário retomar os textos de Bourdieu, onde discutia-se o conceito de campo. As respostas dos nossos entrevistados continham informações impossíveis de serem organizadas em faixas estreitas por conta do seu teor subjetivo e da quantidade imensa de variáveis. Assim a ideia de um campo de respostas permite pensar no encontro entre a subjetividade e a objetividade, correlacionando-as.

Assim, depois de também retomar o texto da Minayo, no qual ela discute sobre a categorização de uma pesquisa social qualitativa, nós analisamos as respostas obtidas em cada grupo focal e organizamos em categorias os tópicos que consideramos mais importantes para a construção do nosso trabalho.

### **12.1 TENDÊNCIA AO SENSO COMUM**

Frequentemente identificamos uma reconsideração e receio na fala dos entrevistados e isso é por causa do estigma perante o tópico discutido. Como o tema da inclusão é considerado delicado, é recorrente uma preocupação em ser politicamente correto, porém isso pode ser um problema em nossa análise, por caírem no senso comum e não relatar verdadeiramente. Percebemos esse fenômeno quando logo após realizarmos alguma provocação a resposta era muito imediata, superficial e principalmente ao não carregarem o estranhamento natural. Portanto, o que ocorreu muitas vezes foi o ato dos mesmos perguntarem se estavam falando certo as terminologias por medo de soar equivocado ou desrespeitoso, algo que se interliga com o próximo campo de observação.

### **12.2 DESINFORMAÇÃO**

Por conseguinte, essa insegurança na fala dos entrevistados se decorre da falta de informação sobre o assunto, inclusive sobre algo essencial, a nomenclatura adequada. Além dessa falta de domínio básico sobre o tópico, uma das perguntas

feitas durante o GF questionava o conhecimento e o posicionamento dos alunos entrevistados sobre as falas do ministro da educação e sobre as ações governamentais em relação a volta das escolas especiais. Sobre isso, uma coisa que nos chamou a atenção foi que a maioria dos alunos não sabia de tais acontecimentos. Para ser mais exata, dos quase 50 alunos entrevistados, apenas um sabia. O fato destacado evidencia e comprova o quão pouco esse assunto tão importante é discutido, especialmente nas mídias, o maior meio de comunicação na atualidade.

### **12.3 FALTA DE PREPARO DO PROFESSOR**

Uma das perguntas que realizamos era questionando se os adolescentes acreditavam que seus professores tinham o devido preparo para ensinar PcDs, e a grande maioria afirmou que não. Na realidade, gerou um debate até chegarem nessa conclusão, pois achavam que apenas certos professores que tinham maior proximidade com o assunto, mas como não era uma totalidade, concluíam que não havia um conhecimento adequado. Ao contarmos que no curso de pedagogia da USP, uma das faculdades mais importantes do Brasil, há apenas uma matéria semestral sobre inclusão escolar, os adolescentes se mostravam surpresos e indignados.

### **12.4 ESTRANHAMENTO NATURAL**

Um dos pontos mais importantes analisados foi a importância do estranhamento. Quando perguntados, a maioria dos alunos, depois de discussões, chegaram na conclusão que o estranhamento é estritamente natural, e o que você faz com ele é o que o caracteriza como positivo ou negativo. O negativo se configuraria quando uma pessoa o constitui por meio do preconceito. Entretanto, o positivo seria reconhecer a naturalidade desse estranhamento e a partir dele reconhecer a necessidade de mudanças. Junto disso, mencionaram que o ensinamento “somos todos iguais” se torna algo problemático, uma vez que esse infere um tratamento de indiferença que não deve ocorrer, já que para superar os próprios preconceitos, é necessário reconhecer a diferença e lidar com ela de forma real e efetiva.

## **12.5 ESCOLA COMO ESPELHO SOCIAL**

Em diversas falas dos entrevistados foi possível identificar a escola como um espelho da nossa sociedade e que funciona como um preparo do aluno para enfrentar a “vida adulta”, como relatado por um dos entrevistados. Essa preparação para a sociedade escancarada foi muito citada nos grupos focais, afirmações como “No mundo de fato é inevitável você não encontrar pessoas diferentes de você, então é importante sabermos lidar com isso” foram feitas. Por conseguinte, outro benefício gerado pela alteridade na sala de aula citado pelos entrevistados é a construção de uma sociedade inclusiva, já que como falado "o papel da escola é educar todos". Para esses a instituição escolar funciona como um espaço de preparo dos alunos para o mundo e por isso, se configura como um meio de solução para os problemas sociais, como o preconceito com o diferente.

## **12.6 O DESVIO PARA OUTROS TEMAS**

Adicionalmente, a discussão gerada pelas perguntas entre os participantes, muitas vezes era direcionada para outros temas sociais, como racismo e homofobia. Isso mostra a necessidade da ideia de campo de Bourdieu na questão de dispersão de diferentes respostas. Além disso, mesmo aparentando ser um aspecto ruim, já que não estaria sendo discutido o tema norteador, esse fato comprova que esse trabalho não é apenas sobre inclusão nas escolas. Na realidade, evidencia que discutir sobre a importância dos PcD's dentro da sala de aula também é discutir sobre a concepção da educação e sua essência, considerando a alteridade como um pilar constituinte dessa. Isso porque, evidencia outras formas de exclusão na escola que não são tão explícitas, mostrando que a sala de aula é o meio do contraditório e que a presença desses alunos resgata essa essência.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, T.W. Educação e Emancipação. In: ADORNO, T.W. Educação e Emancipação. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995
- BEZERRA, Giovani Ferreira Bezerra. A Inclusão Escolar de Alunos com Deficiência: uma leitura baseada em Pierre Bordieu – Naviraí, Revista Brasileira de Educação, 2017
- FREIRE, Paulo Reglus Neves. O Papel da Educação na Humanização. Revista Paz e Terra, Ano IV, no 9, outubro, 1969, p. 123-132
- GIL, Marta. A Invisibilidade da Pessoa com Deficiência. Disponível em: <https://diversa.org.br/artigos/invisibilidades/> Acesso em 27 de junho de 2021 às 14h26min
- GOVERNO FEDERAL. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. MEC; SEESP, 2001. 79 p.
- HANNAH, Arendt. A Crise na Educação. New York: Viking Press, 1961
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa Social Teoria, Método e Criatividade. Peópolis, Editora Vozes, 2002
- NETO, Antenor de Oliveira Silva; ÁVILA, Everton Gonçalves; SALES, Tamara Regina Reis; AMORIM, Simone Silveira; NUNES, Andréa Karla e SANTOS, Vera Maria. Educação Inclusiva: uma escola para todos. Revista Educação Especial, v. 31, n. 60, jan./mar. 2018
- SASSAKI, Romeu Kazumi. Terminologia sobre deficiência na era da inclusão. Revista Nacional de Reabilitação. São Paulo: ano 5 nº. 24, jan./fev. 2002, p. 6-9.
- SILVIA, Márcia Ferreira Melettil. Indicadores Educacionais sobre a Educação Especial no Brasil e no Paraná. Londrina, Universidade Estadual de Londrina (UEL), 2012
- THOMAS, Júlia. A Invisibilidade Social, uma Construção Teórica. Braga, CECS – Centro de Estudos em Comunicação e Sociedade, 2012
- UNESCO. Relatório GEM exorta Brasil e países da região a promoverem inclusão na educação em face da pandemia. Disponível em: <https://pt.unesco.org/news/relatorio-gem-exorta-brasil-e-paises-da-regiao-promoverem-inclusao-na-educacao-em-face-da> Acesso em 26 de maio de 2021 às 17h13min
- VIEIRA, Stella Hadassa Alves. Índice de Violência Escolar da Cidade de São Paulo. 2020. 35 f. Projeto Científico - Curso de Ensino Médio, Escola Nova Lourenço Castanho, São Paulo, 2020.
- ZIMMERMANN, Marlene Harger; MARTINS, Pura Lúcia Oliver. Grupo focal na pesquisa qualitativa: relato de experiência. Disponível em

[http://pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/211\\_86.pdf](http://pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/211_86.pdf) Acesso em: 11 de agosto de 2021 às 16h35min.

## APÊNDICE

### Roteiro Grupo Focal com alunos:

- O quão importante é a presença deles
- Explicar o básico do nosso trabalho (explicar a sigla PcD)
- Explicar o que é um grupo focal
- "Pesquisa qualitativa- envolve questões sociais, então nós precisamos da veracidade de vocês"
- "Tudo anônimo, é só um grupo teste, então não há pressão. Está sendo gravado"
- "É importante que vocês não tenham medo de falarem o que estão pensando"

### Questões:

1. Em uma escala de 1 a 5, quanto você diria que teve contato ao longo da sua vida escolar com PCD's?
2. Você acredita que há uma intensidade de contato ideal? Por que?
3. Na sua opinião, a estrutura física da sua escola e os seus princípios pedagógicos, contribui para a socialização de PCD's?
4. Imagine a situação: Em uma aula, um colega PCD começa a agir ansiosamente e emitir sons altos. Como você imagina que seriam as diferentes reações na sala de aula? Tanto do professor quanto dos alunos.
5. Você considera que a sua relação com PCD's é diferente da que seus pais tem ou tiveram? Em que sentido? (falar histórico dos PcD's antes de fazer a pergunta)
6. Você já passou por alguma situação na qual se sentiu incapaz de poder ajudar um PcD? Se sim, conseguiria descrever esse cenário?
7. Na sua sala, onde os PcD's normalmente sentam? Por que você acha que ele ocupa esse lugar?
8. Vocês pensam que os professores são preparados para lidar com PcD's? Acham que é o suficiente?
9. Vocês acham que o estranhamento causado por PcD's é algo positivo ou negativo?

Explicar que o estranhamento é positivo porque é a partir da diferença do outro que encontramos a possibilidade de humanização, pela diversidade. É normal termos esse incomodo, mas que devemos combater-lo

10. Recentemente, o ministro da educação fez a seguinte fala “

11. O que você acha que pode ser feito para melhorar esse convívio e a superação desse estranhamento?

\*adaptadas

Em que sentido a presença de alunos PcD's pode servir de estímulo para vocês?

Em que medida a sala de aula plural contribui para a formação de todos os estudantes?

#### Roteiro Grupo Focal com professores:

- O quão importante é a presença deles --> cotejamento
- Explicar o básico do nosso trabalho (explicar a sigla PcD)
- Resultados até agora --> tríade e resgate da essência da educação a partir da inclusão
- Explicar o que é um grupo focal
- "Respostas por toda trajetória docente e não só Lourenço)
- "Pesquisa qualitativa- envolve questões sociais, então nós precisamos da veracidade de vocês"
- "Tudo anônimo, é só um grupo teste, então não há pressão. Está sendo gravado"
- "É importante que vocês não tenham medo de falarem o que estão pensando"

#### Questões

1. Imagine a situação: Em uma aula, um colega PCD começa a agir ansiosamente e emitir sons altos. Como você imagina que seriam as diferentes reações na sala de aula? Tanto do professor quanto dos alunos.
2. Agora imagine essa situação: Você preparou uma aula que acredita que irá funcionar de maneira eficiente para todos na sala. Entretanto, ao colocá-la em prática percebeu que aluno pcd não estaria incluído na dinâmica. Qual seu sentimento sobre?
3. Nos grupos focais com os alunos foi frequentemente citada a falta de preparo dos professores em relação aos PcD's. Como essa afirmação reflete na sua trajetória docente?

4. Você já passou por alguma situação na qual se sentiu incapaz de poder ajudar um PcD? Se sim, conseguiria descrever esse cenário?
5. Recentemente, o ministro da educação realizou falas incentivando a volta das escolas especiais e dizendo que tem "graus de deficiência que é impossível a convivência", vocês como professores pensam o que sobre isso?